|  |
| --- |
| Mário Amado Jorge**A Viagem Nocturna e a Origem da Minha Desgraça**Curso de Licenciatura em Ensino de Português com Habitação em ensino de InglêsUniversidade PedagógicaQuelimane2014Mário Amado Jorge**A Viagem Nocturna e a Origem da Minha Desgraça** Candidato ao concurso da obra O Peregrino a ser entregue no  Instituto de Línguas – Quelimane Universidade PedagógicaQuelimane2014 |

***“Contar uma história significa levar as mentes no voo da imaginação e trazê-las de volta ao mundo da reflexão”****. (CHIZIANE)*

*“****Vejo tudo maravilhoso. Tudo é belo quando as pessoas se amam****”. (CHIZIANE)*

**A Viagem Nocturna e a Origem da Minha Desgraça**

Noite esplêndida a lua, o vento, e a escuridão têm sido as minhas únicas companhias nessa longa caminhada. Depois daquela noite, que tem durado pela eternidade, nunca mais pude ver a luz do dia, nem sentir o calor do Sol. Ele me faz tanta falta entretanto melhor regressar a vida anterior, mas qual vida? Se nunca tive a melhor que sobreviver a manutenção legal da minha vida.

Como a Lua estava linda, cheia, clara, enfeitando a noite fresca e estrelada que fazia; eu voltava de uma longa viagem na qual estivera com amigos. Fazia tanto tempo que eu não os encontrava, foi muito bom revê-los. Nunca mais pude fazer isso. A imortalidade é antes maldição que dádiva! É cruel ter que viver para ver morrendo todas as pessoas que se amam.

Uma sensação estranha percorreu meu corpo todo, um frio que eu nunca sentira antes. Parei num semáforo, apertei o botão, e esperei o sinal abrir. Dentro da minha cabeça, um homem surgiu, dizendo-me “venha, siga-me”.

O que era aquilo? O que estava acontecendo comigo? Eu ficara amedrontado, queria chegar a minha casa o mais rápido possível e ver a minha família por tanto tempo que eu passara fora dela. Não me sentia seguro sozinho nas ruas de Micajune à noite. Mesmo assim, foi como se alguma coisa me puxasse, como se uma vontade estranha a mim governasse minhas acções. Voltei-me para trás. Emergindo da escuridão, uma mulher vinha em minha direcção. Não posso negar que era muito atraente, mas meu medo era grande e eu estava tenso e cansado sobretudo por causa da longa caminhada que tivera. Tive o pressentimento de que algo ruim aconteceria – eu não sabia o quanto estava certo e errado mais assim enfrentei o destino da minha viagem.

Quanto mais perto ela chegava de mim, mais forte eram as forças externas que me mantinham ali, parado, à graça daquela estranha mulher. Parando bem próxima de mim, disse:

- Venha, senhor, venha meu querido homem das trevas viajemos juntos nesta infinita caminhada. Falando aos meus ouvidos. Como ela se soubesse que eu era solteiro e viajante para um lugar incerto e quisesse recompensar da minha viagem com aquele encontro inesperado e satisfatório para uma vida de um peregrino inconsciente.

Estava tomado pelo pior terror que jamais sentira e ela parecia sentir isso. Podia sentir meu coração acelerado e minha respiração ávida. Sem poder lutar contra o que me fazia obedecer e seguir aquela mulher alta e pálida. O pavor que eu sentia era maior a cada segundo mais do que o rio que eu atravessara durante a longa viagem historicamente inesquecível.

De repente, me vi sozinho numa rua e praticamente desabitada. O silêncio fazia-me escutar o murmúrio do vento, o san san san dos fantasmas e, isso me trouxe de volta do transe no qual eu estava, o que me levou a seguintes questões: - será que estou perdido? Esqueci da minha casa? A viagem foi tão longa? Mas não tinha resposta alguma, a minha alma estava tortuosamente fora de mim.

Mas um frio nasceu dentro de mim, eu senti que ela se aproximava novamente. Dessa vez, a sujeita misteriosa vinha de frente para mim. Ela vestia umas calças jeans, blusa preta social com as mangas arregaçadas até um pouco abaixo do cotovelo e sapatos pretos de salto alto. Seus cabelos, também pretos, eram curtos e lisos, olhos bem claros e sua pele tinha uma palidez que não era do mundo normal. Lamentei, julgando falta de sorte pela viagem de tantas que eu teria feito conclui que essa era uma das piores da minha vida.

Fui dando passos a recta-guarda (recuando), à medida que ela se aproximava de mim. Que bom! Que eu ainda conseguia controlar alguns dos músculos do meu corpo que cada vez mais esticavam-se. Porém, isso não era o suficiente para que eu pudesse fugir. Ela ia vindo para mim, me olhando profundamente e fixamente dentro dos meus olhos. Senti como se minha alma inteira estivesse sendo observada por aquela mulher sombria que estava na minha frente. Lembrei dos provérbios: quem nunca viu um dia verá. Por sinal eu estava acostumado viajar nas noites.

Qualquer perspectiva de reacção acabou quando dei de costas numa parede atrás de mim. Era impossível continuar indo para trás. Mesmo assim, ela não parou de vir em minha direcção, estava alcançando-me. Por alguma razão, a misteriosa sujeita não apressou o passo, continuou-me olhando fixamente e vindo lentamente para perto de mim. Meu medo era tão forte que me paralisava a circulação do precioso líquido humano.

Chegando bem próximo a mim, encostou-me contra a parede e, quase que docemente, acariciou a minha cara, molhada de tanto choro. Fiquei surpreso por tamanha gelidez, das suas mãos que, assim como todo seu corpo, era muito frio. Tremi quando imaginei a comparação dela com um cadáver. Creio que ambos teriam praticamente a mesma temperatura, vou em pensamento lembrando do san, san, san escutado anteriormente. Foi acariciando meu pescoço e beijando minha boca, o frio crescia cada vez mais depois que fui tocado por ela.

Numa imaginação soberba, pensei ter chegado na Antárctida a terra do gelo, que viagem desastrosa, não havia uma lâmpada sequer iluminando-nos, a Lua foi a única testemunha do que me aconteceu durante a minha última aventura. Como esquecer do vulto infortúnio daquela noite maldita na qual conheci a pior das condições a que se pode submeter um ser humano. Como esquecer o ser medonho no qual me transformei?

Bem, à luz azulada da Lua, a gelidez dentro de mim parecia aumentar mais e mais, a cada toque da mulher que me agarrava. Mesmo com medo, não pôde deixar de sentir um certo prazer. Lentamente, fui desabotoando sua blusa e perdendo a cabeça. Quando dei por mim, ela já estava jogada no chão. Tomada por um fogo que nascia dentro de mim (mesmo que incompatível com a situação) deixei que ela desatasse minha camisa, acariciasse meus músculos e me beijasse. Era estranho, mas não deixava de ser bom. Não era um simples caso de abuso, aquela mulher, mais do que ter prazer, também queria-me dar prazer com aquela mulher desconhecida encontrada durante a minha viagem.

Eu esperava tudo, menos aquilo. Inesperadamente, senti uma dor inconcebível, dois objectos extremamente pontiagudos e cortantes enterraram-se profundamente em meu pescoço. Senti meu próprio sangue correr quente pelo meu ombro, ela me comprimia contra o próprio corpo, parecendo um animal voragem. O ser misterioso parecia rejubilar-se bebendo meu sangue, minha vida estava se acabando não sabia o que fazer, mas onde eu errei? Será que a minha viagem teria sido amaldiçoada?

Involuntariamente, apertei-a o mais forte que pude, nas costas e no peito. Minhas unhas sempre foram cumpridas e resistentes. Pude sentir, com uma ponta de satisfação, que elas se enterraram na pele branca, indo pela carne fria da vampira que me vitimava. Ingenuamente, eu tinha esperança de que ela me soltasse, mas estava enganado.

Por um segundo, quando lhe finquei as unhas, ela levantou o rosto, olhou para a Lua e gemeu de prazer. Meu sangue escorria por seu queixo, descendo pelo pescoço pálido ela estava alucinada seu sangue agora se misturava ao meu corpo nas minhas veias.

Tão inesperadamente quanto me mordera, aquela mulher encontrada no meio de nada que retirava as presas do meu pescoço vagarosamente e sem lamentações senti dentro de mim que ela havia cumprido uma parte da sua viagem, de satisfazer o seu desejo e eu o que na verdade ganhara com aquela viagem nocturna que achava me faria melhor vivendo nas aventuras. O prazer que mostrava no rosto se apagara, dando lugar a uma tristeza aterrissadora, mesmo para uma criatura da noite. Abraçando-me forte, mantendo-me junto dela, numa atitude quase de ternura, curvou-se e me olhou como quem quisesse dizer “bem-aventurado aos peregrinos eles dão de comer aos desconhecidos”, mesmo com aquele rosto de amizade e melancolia, ela parecia estar feliz do encontro com o viajante nocturno.

Eu devia estar totalmente tonto, perdendo os sentidos (e realmente estava). De um olhar rápido, pude ver uma lágrima vermelho-escura caindo da sua cara, ela contemplava desoladamente a Lua. Tinha caído de joelhos, abraçando-me ainda eu sentia-me como estivesse no deserto de Sahara, apesar de tudo, sentia-me herói e anjo por ter alimentado e salvado uma vida e uma possuída, porque é isso o que qualquer viajante em nome de Deus faria. A gota rubra caiu certeiramente sobre os meus lábios. Percebi que não me restava muito tempo de vida, meu sangue continuava a escorrer. Não sei por que instinto, bebi aquela gota, assinando minha condenação. O ser amaldiçoado me manteve agarrado a ela, tempo suficiente para que eu bebesse do seu sangue malicioso.

Voltei ao mundo normal, horas depois, no mesmo lugar em que tudo acontecera. Apavorado, constatei que não tinha pulso, resmunguei, será que sou eu? Nenhum ferimento, nenhuma dor. Nada! Foi a pior decepção da minha vida e da minha viagem, senão certamente da minha morte. Eu não conseguia-me conformar com os factos vivido no período de nada, eu me transformei no ser que me assassinou, viajante fantasma que praticamente deixará de viajar pelo mundo fora.

Meu relógio marcava quatro horas e notei que os primeiros raios de um Sol lindo não demorariam por chegar. Pensei, realmente em ficar lá e esperá-los. Seria melhor assim, tanto para mim como para outras pessoas que ainda vivem, ignorando nossa existência porque somos viajantes nocturnos. Mas não foi isso que aconteceu.

Com o raiar do sol dei uma Cambalhota e desolado, voltei rapidamente a minha casa donde havia partido. Ainda bem que morava e ainda moro sozinho, o que me lembro é que aquela viagem seria a décima durante toda a minha vida e a mais pior diante aquelas épocas. Desde então, nunca mais uma janela foi aberta durante o dia e vivia no escuro, que demora cada vez mais a passar, porque tinha um fogo dentro de mim que não coadunava com o meu mundo interior e exterior, já havia habituado viver deambulando pelo mundo inteiro, naquele período as minhas viagens eram só nocturnas e naqueles quatro cantos da minha tumba.

Apesar de odor que a minha maldita casa estava provida, tentei conter-me para evitar uma desgraça a outra pessoa e que por sinal seria inocente como eu fui e por causa de uma viagem acabei terminando numa tumba e que infelizmente não alcancei o meu destino que era de pisar as terras sagradas de Micajune, terra de pouca confusão em que muitos não dão conta infernizando os moradores daquelas bandas submersas na escuridão dos ímpios.

Hoje em dia quando olho no espelho não vejo nada além da parede atrás de mim, me questiono a respeito do motivo pelo qual ainda prorrogar em pôr um fim a esse sufoco eterno da minha morte. A dádiva da imortalidade nada é perto da maldição impregnada nessa solitária condição, nunca pensei que viveria num mundo isolado, viajar era a única coisa que eu fazia desde que nasci pela primeira vez.

Porém, creio que não vai demorar. A janela já está aberta e o Sol logo nascerá e removerá a minha carne e em uma hora serei um esqueleto, mas toda culpa será daquela mulher que desfrutou a sua ânsia maliciosa no meu corpo sem me dar a oportunidade de conviver durante o dia e ver o sol numa praia deserta como por exemplo o sol de Setembro.

Imagino que um dia eu fique longe desse mal, nunca mais voltar a causar dores na vida dos meus progenitores que tanto quanto eu a desejei e pensei em viver feliz, agora tornei-me numa tumba velha e animal nocturno andando nas veredas do inferno infinito.

Desde aquele momento a minha vida era um total inferno, descobri que a vida nocturna era difícil, o que sempre contradiz a verdade das coisas e das pessoas que usam a noite como momento de diversão acolhem as suas vidas e sobrevivem nas borradas inúteis.

O sol é único farol que nos permite viajar sem problemas e melhor amigo e fortificador dos nossos ossos, mais para aquela senhora que nunca viveu nas horas do bem-estar social de um ser vivo que nunca viajou de dia e sempre sonhou em viver num mundo dos vivos e viajar como eu fazia mas foi muito lamentável em perceber que só e só era uma peregrina nocturna por cima ter-me tornado como ela por falta de piedade por parte dela.

Sonhei sobreviver o raiar do dia e viajar como de sempre, mas nunca foi a minha intenção assim aconteceu, é difícil viver numa tumba sendo aquela pessoa que vivia de viagens de um lugar para o outro.

Se um dia alguém tirar-me desta tumba acredito que nunca andarei na hora nocturna porque perdi mais uma chance de viver no período diurno, aquela vampira, lobo e entre outros parasitas que vivem graças a esse precioso líquido que é o sangue. E se um dia voltar a viver juro que nunca viajarei no período nocturno e que não apreciarei pessoas desconhecidas.

**A Chama dos Ricos e Mente dos Pobres**

Numa aldeia a beira do mar morava um jovem bem-sucedido chamado Machado, nome atribuído pela falta de carácter que durante a vida deu-se bem, mas pela riqueza teve um devaneio obsoleto como quem diz “a vida dos ricos é comparada a da selva come quem é forte”, o sufoco aconteceu quando o mesmo começou a desprezar os pobres. Naquele local morava uma jovem coitada que teria frequentado por um tempo pedindo ajuda de um pedacinho de pão para uma refeição insignificante.

Zulmira, perdera seus pais aos cinco anos de idade por causa da guerra de desestabilização em Moçambique, pois tudo o que houve foi falta de compreensão do António por não ter entendido e recebido à Zulmira e ajudar a seguir em frente com a sua vida, entretanto, a Zulmira teria pedido ajuda num valor para fazer negócio de badjia no mercadinho local, porém, não foi concedida o pedido.

Formalmente o António era visto como o homem mais responsável, contudo perdeu essa responsabilidade por não ter concedido a divida que teria sido pedido por Zulmira. Sábado a tarde do dia 29 de Janeiro de 1999, por causa do seu estado embreio contraiu um acidente numa ponte e quebrou o tornozelo, braço e teria sofrido um grande raspão na cara e que ficou irreconhecível no seio daquele povoado, sobretudo passava uma simples pobre que já teria sido desprezado por aquele homem tão burocrático e insensato.

Fulgurosa e suada vinha doutro lado a pobrezinha e que num olhar de tristeza e questionou:

- O que está havendo aqui?

- Quem é o acidentado?

- Como foi que aconteceu?

As pessoas pelo desprezo responderam-lhes:

- O acidentado é irreconhecível, veja só você.

Pela curiosidade e preocupação olhou na cara do acidentado e disse:

- Reconheço, este homem é o António vulgo Machado, o boss da área e que não se dá com os pobres.

Zulmira reconheceu o acidentado e revelou o seu nome da infância com muita sensatez e admiração “meu Deus o que houve com o Zukula? Alguns responderam por imensa estranheza os outros com muita garra e abusos disparos sem deixar de lado os desprezos.

- A procura de espaço para a vaga de empregada doméstica! Numa voz baixa murmuravam os vizinhos.

Sem deixar de lado a senhora Carlota emendou o seu discurso duma forma contenciosa de provérbio” local “os ricos caem em pequenas armadilhas e que não fazem ou deixam cair pelo menos uma mosca” o que tornou evidente a falta de compaixão do acidentado aos moradores daquele bairro.

Na outrora, viveu humilhando a mocinha socorrista e reconhecedor facial, no entanto ela não deu conta do sucedido preocupou-se dar a sua ajuda física e não financeira, provável teria um remorso futuramente. Foi levado ao hospital para fazer o curativo das feridas que teriam sido causadas naquele acidente.

No dia seguinte, numa aurora longa e nunca vivida via-se um clarear da luz de carro que alumiava a cabana da Zulmira feita de salgueiro, coberta de capim de joio (mathadje), numa cama munida de esteiras velhas e com farrapos que serviam de cobertores nas noites frias.

Diz-se que Machado tinha uma estrutura física muito apreciável, cabelos encaracolados, pernas arqueadas, braços do tipo alicate, robusto, sapatos bem engraxados, esperto e muito desconfiado e sem compromissos, mas naquela madrugada afirma-se que foi meigo e humilde ainda diz-se que trazia consigo apenas ligaduras avelhadas pelo sangramento do acidente.

Minutos depois, bateu a esteira que cobria e servia como porta, acordada estava pelo clamor que sentia pelo senhor Machado e de forma intrigante que as pessoas falavam mal dele virou-se e cobriu das túnicas e recolheu-se para fora e cumprimentou:

 ‒ Bom dia senhor Machado!

‒ Respondeu com uma voz muito mansa e bem humilhado. Bom dia dona Zulmira, dirigindo a palavra disse:

‒ Desculpa por tudo e pela dor que tanto lhe causei e pela ajuda que lhe concedi, que com isso você me tratou duma forma diferente diante o acidente que eu tive ontem sem inserir-se do acto pouco relutante, diferenças e desconsiderações tidas posteriormente. Vi aqui para agradecer a sua ajuda, humildade, perdão e que de tudo o que você deixou de fora sem noção do mal que eu te fiz para a senhora, se fosse para nascer de novo eu já teria feito isso para mudar da minha ilicitude e retomar novo caminho da minha vida.

Na sua trás, vinha uma camioneta com um número de dez homens, carregado de material de construção, no entanto o Machado perguntou o seguinte:

‒ Com todo respeito, a senhora tem um terreno para construção de uma casa?

‒ Respondendo disse: tenho, mas fica à trinta minutos deste actual talhão onde eu moro. Curioso questionou de volta.

‒ Qual é a sua intenção neste âmbito, queres pagar o que eu fiz por você? Escuta! Faria isso para qualquer ser humano mesmo que eu não o conheça, então senhora já que o reconhecimento é feito com base neste pequeno ordálio que queres fazer?

‒ Ofendido e humilhado pediu desculpas ao lamentador, que por forma a manter a promessa o Machado repetiu ainda mais em forma de exaltação a sua proposta e acrescentando com um pedido de casamento, considerando o estado dos dois foi lógico agradecer e relevar no caso.

Sem pensar e espantada retomou a sua cabana dentro, onde fincou as unhas na esteira pela tristeza dor que estava sentindo naquele momento por ter escutado uma conversa desesperada e não desejada por aquela simples mulher que tanto procurava saber as razões pelas quais o Machado teria tomado a tal decisão sem pensar, mesmo sendo solteiro o homem era muito poderoso e que não poderia fazer nada a respeito senão ficar calada e esperar a decisão final daquele que um dia considerou monstro invertebrado.

Concretamente naquele momento o noivo entrou na cabana e deitou-se ao lado por sinal da sua futura noiva, olhos deslumbrante os trabalhadores se retiraram daquele paraíso onde duas pessoas comprometiam-se como fosse Adão e Eva no jardim do Éden, cometendo o pior pecado no consumo da fruta proibida, já era no raiar do sol, via-se as sombras de vaivém e sobe desce dos corpos copulados, maravilhoso foi perceber que os dois naquela tenta eram ainda virgem e cresceram juntos se amando um do outro e que levavam as coisas sem menor experiência.

O suor fazia parte daquele pó que espalhava-se dentro da cabana que parecia uma encenação teatral num palco desabitado, certamente acredita-se que algo nunca mais vivido naquela época.

Consumada a pré-composição dos factos, Zulmira aceitou o pedido sem hesitar, visto que, já jorrava sangue maçudo que criava pequenos afluentes para o escoamento das águas fluviais daquele bairro a beira do mangal e doutro lado ouvia-se o derrube das árvores para a edificação da casa dos futuros casados pelos trabalhadores trazidos pelo actual senhor da Zulmira.

Nove meses depois do acto, já vinha uma nova vida projectado pelo casal vida esta que seria a primeira sugestão a ser mais amada e considera como o fruto de união matrimonial, no concreto já tinha casado pelo registo e que admiração vinha a tona duma forma melancólica e disfarçada o procurava encalços para murmúrios e questionamento no povoado.

- Quem diria, que o pobre se uniria com um rico da noite para o dia?

- O que a maldita menina teria feito para aquele rico desprezível?

- Quem me dera que isso caia mal!

Súditos admirou-se pelo tratamento mostrado por aquele casal, que veio de um infortúnio tido durante ao longo das suas vidas, desavença existiram mais o laço amoral eram maior naqueles dois pombinhos. A notícia mais felizarda veio logo depois de nove meses com o nascimento do Solomon, menino lindo, caneco cabelo grisado com o corpo de corantes, mistura daquelas duas cores que se uniram numa madrugada frígida e inesquecível para ambos.

Aos 23 de Dezembro do ano desconhecido nascia o maravilhoso jovem e o desejado filho que serviria da principal conexão da relação, solidário Machado tinha uma nova casa de raiz com a sua esposa plenamente sem problemas e sentia-se orgulhoso de ser visto como uma pessoa responsável e compatriota e, reconhecedor dos seus erros anteriormente cometidos e encarou a sua felicidade com um orgulho sem diferenças sociais.

Acredita-se que houve muitas informações que poderiam destruir aquele casamento de gato e rato, onde o caçador é devorado pelo orgulho e fantasiado pelo disfarce que os pobres e ricos vivem. Quem não acredita naquele que vive é simplesmente egoísta por natureza, mas a verdade nunca usa mascara porque sempre ela aparece como foi com o senhor Machado que por muito tempo escondeu a sua mera verdade por detrás de um orgulho ferido sobre a sua paixão pela sua empregada.

**O sangue da sogra**

Era uma vez numa aldeia, arredores duma vila ao nível de consideração era muito desprezada pela população circunvizinha, vivia uma família humilde da margem de um rio onde praticava-se a actividade de pesca artesanal. Dentre os moradores vivia um jovem chamado Pezado que por natureza nem por onde cair vivo não tinha, no incondicionalismo de amar alguém caiu para aquele pobre pescador de baixa sociedade que apaixonou-se por uma menina chamada Sufiany, jovem linda e rica, estudante do 3º ano numa Universidade no centro da cidade.

O destino desdobra os encontros, Pezado um dia foi a pesca, durante o período da tarde, caiu muita chuva, que por sinal apanhou uma doença infecciosa, que ficou duas semanas acamado. Diante os exames médicos realizados, chegou-se a conclusão que Pezado tinha contagiosa e dever-se-ia manter num quarto isolado para evitar a propagação da doença para outros pacientes.

O concreto que se tem é que o jovem teria ficado por muito tempo a praticar aquela actividade e que nunca teria pegado uma febre daquela natureza, alguns admiravam desta desgraça que parecia compacta e despercebida.

Após uma semana, apareceu um dos familiares chamado Matateu, irmão mais velho e por sinal muito agressivo, embriagado e esfarrapado, questionou a vizinha tao distinta que parecia chateada que respondeu-lhe:

 - O senhor é o quê para este coitado jovem que vive através da pesca?

O Matateu respondeu o seguinte:

- Não sou folgado, mas sou um dos sobreviventes da Família Muangurra, é lógico e a senhora quê é?

- A vizinha do único conhecido da família Muangurra.

- Para de sentimentalismo, senhora, a morte é o único conforto que o homem detém após a sua partida para o além da luz que ilumina aos homens na terra.

A simbiose das coisas traz-nos uma nova espectativa na criação do ciclo da vida, acredita-se que Sufiany apaixonou-se pelo Pezado desde a sua infância, pela distância do encontro das suas vidas nunca expressar-se livremente do sentimento que detinha no seu íntimo para aquele pobre rapaz.

Passaram meses, acamado e sem sinal de recuperação, com pouca alimentação e fragilidade levada naquele estendal hospitalar, o jovem perdera muito sangue durante as cirurgias que sempre enfrentava para a sua recuperação e o médico veio informar aos intermediários da saúde do Pezado que o paciente precisava de sangue caso não haja alguém para doação ela morrerá em menos de 2horas.

A filha apaixonada pediu ao médico para saber o grupo sanguíneo do paciente e logo foram fornecidos os dados do paciente, que era do grupo “**A**”, nestas circunstancias a vizinha por sinal era doadora universal e ficou perplexa quando a filha pediu-lhe ajuda no transplante e puxou de repente para uma sala ao lado onde começaram os interrogatórios a respeito do tal interesse repentino para aquele rapaz, que um dia não lhe dará nenhum futuro confortável.

A menina pediu ajuda a mãe de forma incondicional e sem criar meras perguntas numa hora dessas porque o importante no homem é cuidar e depois questionar a propósito do sucedido e pelo quociente da vida a vizinha cedeu como a filha estava preocupada pelo tal jovem que sempre forneceu peixe no bairro e sem cobrar muito do que aquilo que ele queria para sobreviver.

Há que obstruir algumas vendas nos olhos daqueles que vem uma verdade que nem parece verdade, mas mentira.

**O Padre Está nu**

Ser pai realmente não é uma tarefa fácil e parece assustadora, principalmente para os pais de primeira viragem, ou para os menos modernos. Deitar e rolar (literalmente), esta expressão nunca caiu tão bem na criação dos filhos. Uma tarefa delegada por anos as mães, e supervisionadas de longe pelos pais que por sinal consideram-se de reis. Com o passar dos tempos, os pais desceram dos seus altares sagrados e renderam-se aos encantos de seus “pimpolhos”, mas esta atitude não é tudo, apesar de ser o primeiro passo. No mundo criativo e instigante de uma criança, é a brincadeira é uma das melhores formas de conhecerem, experimentarem e entenderem o mundo, e ao tempo participarem deste processo lúdico, os pais assumem a função de moldadores e moderadores das brincadeiras das crianças para o seu desenvolvimento psíquico, físico-motor e cognitivo fortalecendo os vínculos afectivos, criando segurança e ajudando de forma saudável o amadurecimento do cérebro.

Quando alguém disse: “Não basta ser pai, tem que participar”, ele reabriu uma maravilhosa discussão sobre o assunto. Quando se diz participar, é no sentido total da palavra, primeiro desprenda-se de certos preconceitos, pois quando você sentar para brincar com seus filhos, saiba que você será tele transportado para o mundo deles, e lá nesse mundo, todas as possibilidades são possíveis. No mundo encantado das crianças, o que mais se destacam são os sonhos e fantasias e criatividades sem limites, já sinceridade é uma lei, e pensando nesta sinceridade lembrei-me do conto de fadas, O rei está nu, escrito pelo dinamarquês Hans Cristina Andersen e publicado em 1837.

Conta-se que um bandido se fazendo passar por um alfaiate de terras distantes, foi contratado por um rei muito vaidoso para fazer uma roupa mais bela e cara que existisse. O bandido disse ao rei que apenas as pessoas mais inteligentes e astutas poderiam enxergar as suas roupas. Baús cheios de fios de ouro e seda logo chegaram para a confecção das roupas. Fingindo, o falso alfaiate passava dias no seu tear tecendo fios invisíveis. E todos falavam o quanto às roupas estavam deslumbrantes, com medo de serem chamados de estúpidos e presos.

O rei cansado de esperar fez uma visita para o alfaiate, juntou todos os seus ministros e foram ver as tão demoradas roupas. O falso alfaiate mostrou ao rei sua mesa de trabalho vazia, o rei com uma cara de espante não viu nada, e com medo que seus súditos o achassem idiota, vaidosamente exclamou: “Maravilhosas vestes! Você fez um trabalho magnífico” todos os ministros o parabenizaram. Chegou o grande dia do desfile para a apresentação da roupa do rei. A única pessoa a desmascarar a farsa foi uma criança que gritou: “O Rei Está nu”. O grito é acompanhado por todo o Palácio, o Rei se esconde suspeitando que a afirmação seja verdadeira, mas o orgulho fala mais alto e continua o seu desfile sorridente e orgulhoso completamente nu.

No entanto passando cinco anos, na cidade capital de Roma praticamente no vaticano dizem que um Padre desfilou pelas rampas daquela grande tenda de Deus à confinado e confiante nas aventuras do Rei que já teria desfilado pela cidade nu e com a cara sorridente e brilhante pelo orgulho de não querer aceitar a verdade sobre um certo alfaiate que mal a conhecia e que nunca tinha o visto.

- Sacrifico-me em nome de Deus e dos mais leais homens da terra, que farei uma marcha de perdido de perdão ao senhor como a minha mãe me nasceu desde do primeiro dia da minha vida.

Apos uma semana de preparação daquela cerimónia de peregrinação, diz-se que toda a roupa do Padre foi lavada com a água pura do vaticano e ressecada com o sol de Novembro, o vinho mais puro daquela cidade santa, portanto, foi uma cerimónia secreta para a parte dos crentes daquela congregação ais populosa do mundo.

O título deste artigo expressa a sinceridade e a sensibilidades das crianças. Nos anos 70 e 80 os pais que começavam a cuidar de seus filhos, levando para passear, trocando fraldas, eram chamados de “papai-galinha. “Era o começo da quebra de preconceitos e assim tirando um pedaço da grande responsabilidade dos ombros das mães. Então cabe a você fazer seu dever de casa, aprenda o nome do desenho favorito dele, tente decorar os nomes das bonecas da sua filha ou o nome da princesa preferida dela. Deite, role, participe desse mundo tão maravilhoso e gratificante que é o mundo imaginário e tão real dos seus filhos.

**O Cozido na panela de barro**

Numa época de ervas velhas e capim seco, onde o verão não era escasso como nos dias de hoje onde as estações do ano estão numa proporção inversa, a verdade de conter o produto de um final trágico de uma cozinheira vulgar do bairro, que usava sempre a erva seca para fazer sua refeição, durante muito tempo e por questões de hábito nunca se dava conta dos perigos que teria que enfrentar, portanto, num belo dia na preparação do seu refogado de arroz, despercebida pôs o seu dedo no lume, pela confusão da cor do chocolate fez-lhe duvidar da sua própria cor.

Naquela zona morava um senhor chamado Figueiredo, que respondia em nome do bairro como secretario, praticava a actividade de pesca artesanal, ausente na mente, viveu um tempo fora de si como a senhora Sanui, que um dia confundira a sua própria cor com ervas secas.

Pela estrada, encontraram a senhora Sanui chorando, perguntada respondeu:

- A vida é bem contigo, que preocupa-se com os pobres e loucos, mas para nós acreditamos que o pobre o seu local de estar é no fundo de uma cova junto dos seus ancestrais no cemitério.

Repleto de nervosismo disse novamente com tanta rigorosidade e fúria:

- Se hoje estou aqui deveria agradecer ao diabo, visto que Deus sempre poupou-me guardou as minhas lágrimas no seu ventre como uma mãe que sente dores durante o sofrimento do parto.

Conscidentemente vinha de outro lado o secretário, mal considerado na vida social no povoado pela sua maneira de agir, perante os seus membros, colocou a camisa pendurada nos seus ombros largos, com a cara de poucos amigos, cheio de ódio nos seus olhos avermelhados, dizem que ele não fazia filhos, apenas vivia rodeado de cães consideravelmente um número não identificado que serviam de consolo.

Continuadamente disseram que por força da magia branca, ele ficou estéril e, presume-se que foi divorciado pela intriga de sua sogra, em que num dia de sol brilhante foi retirado daquela que foi a mulher que tanto amou sem perceber os porquês, afinal ele não era mau mais a vida é que foi triste para com ele, por isso andou sempre nos dias sem sol, visto que só ele preferia a lua que era fria e sem mancha que o sol que poder-lhe-ia açoitar com o seu derradeiro calor.

Vivia tanto tempo num aquífero aquentado pelas águas, até alguns lhe chamavam de crocodilo sem couraça dura, chegado naquele local de acidente perpetrado pela senhora mansa e humilde, Figueiredo proferiu um discurso aterrorizante perante a multidão, dizendo:

- A vida foi injusta comigo, assim pensei que seria o único a viver as noites sozinho; até aquele que separa aos outros sente dor e, saiu daquele local resmungando.

Sanui, era considerada a feiticeira do povoado, o discurso do secretário veio a tona a acusar a pobre coitada que nada sabia, porém, alguns davam razão ao pobre homem solitário e outros a repreendiam na contextualização dos factos.

- A dor dos outros é sagrada, no entanto, temos que senti-la como estivesse a consumir a nós mesmos, deve ser respeitada mais o secretario Figueiredo não se importou, aportando-se do seu discurso ao local de facto, e, da ocasião desabaram aquelas palavras amarrotadas para escamar a mente da pobrezinha.

Ciente falou a verdade, portanto devia ser num momento devido, Simone respondeu:

- A dor é exposta naltura que sentimos não se pode esperar até chegar a fase de refrear-se; grávido de fingir da dor, levou a sua rede lançou-a no mar para fins desconhecidos. Alguns afirmavam que a rede no mar traria o sossego, outros alegam que nutriria o povoado da sua sumidade na incompreensão da dor alheia.

Justamente quando as oportunidades são indefinidas melhor soltar o coldre do cachorro para viver livre assim sendo o fez, soltando todos os cães por ele criados, onde cada um foi a um local incerto.

Decerto, aquele homem tinha toda vida enfermada, julgava-se ser eunuco e estéril, alguns no seu povoado diziam que nunca tinha engravidado a nenhuma mulher, onde alguns chamaram de acerte de conta dos seus actos protagonizados durante o tempo de guerra, enquanto militar, porque ele tinha matado um velho feiticeiro por não dar a sua mochila onde continha o seu coração da sua eternidade.

Sem pertinência, o Figueiredo sempre foi um homem bom, dizem que durante a guerra nunca matou ninguém para tomar dos seus bens, entretanto mentiram para ele, dizia a sua sobrinha sem membro superior pela reflexão da guerra, ela perdeu, mais alguns os detinham e perguntavam-lhe:

- O problema não é da vaidade e dos absurdos que ele faz, mais sim, queremos saber se ele faz ou não filhos, aquela sobrinha inocente sobre as afirmações negava dizer o que não sabia dizer, a respeito do seu tio.

Pela imprecisão do seu comentário um velho disse vaidosamente a seguinte expressão:

- Um sere estéril não merece conviver connosco na mesma sociedade, saiu do local revoltado.

Sabiamente, veio a Sanui afirmando:

- Deixem o homem viver em paz, sofreu bastante para tais acusações o destino de um homem é conhecido por próprio Deus não seremos nós que iremos determinar o que não sabemos e, nem temos sem provas desses palavrões, ele tem suas razões, todos nós pagamos a cerca das nossas obras e daquilo que nós fizemos consciente ou inconscientemente futuramente pagamos sem percebermos a finalidade da proveniência da tal ilusão e do problema que nos afecta.

Figueiredo a partir daquele dia desapareceu do povoado, alguns dizem que seguiu os seus cachorros, alguns afirmavam que ele era dos tempos muito antiquados e era muito supersticioso e reservado.

A Sunai, afirmava que ela era a sua primeira esposa que ficara grávida dele e tivera um filho a quem tinha posto o nome de Figueira, o mesmo morreu após dois anos longe dos seus olhos, o menino era claro, magro, manso, gostoso e amava a música, mais alguns dizem o mesmo tinha-se enforcado pela separação dos seus pais alegando evitar ver os mesmos a sofrerem, ser vagabundo nas ruas de aventura indesejada seria duro para ele, confirmam algumas cartas escritas por ele antes da sua morte.

Claramente, ele queria ver os pais juntos até a morte, mas por força maior dos seus avôs os casais se separaram, as pessoas dizem; o Figueiredo não tinha pago “lobolo” e para além disso era pobre e vinha duma família insignificante, os seus sogros queriam ver uma presença física de alguém munido de maletas de dinheiro, para poder casar com a sua filha tão linda e meiga, desonrada quando tinha 15 anos de idade.

Foi duro ouvir a história, mas percebemos a sua expressão triste quando chegou por aqui, em princípio pensamos uma ganância sobre a feitiçaria que tanto ele falou, mas você nos abriu a mente e contou-nos a verdadeira história daquele homem infeliz por perca do seu filho.

Os viventes naquela época acharam tudo certo pela sua reacção, entretanto desde que perdeu o seu filho nunca se meteu com nenhuma mulher, o quer dizer que nunca teria um filho sem juntar-se com alguém, isso é o que faz com que ele seja eunuco nos olhos dos que não sabe bem contar a sua história, a Sunai cozinhava com ervas porque não tinha coragem de parte uma lenha de uma árvore sabendo que foi o ramo da árvore que fez com que o seu filho fosse um defunto até o seu último dia da sua vida carnal.

No entanto a vida foi dura com ele, diziam alguns moradores daquela região, e era o secretário viveu por muito tempo e desrespeitado pelos residentes alegadamente que ele era um estéril e meio louco por causa das suas acções manifestadas durante um determinado tempo antes do seu desaparecimento físico.

Desde então Figueiredo jamais foi visto, naquela aldeia, mas alguns preocupam-se pela sua ausência o que não se entende ate hoje a que se deve o desaparecimento dele, será que é pelo filho, ou pelas informações que alguns falavam durante a sua estadia naquela zona de residência.

Passando 10 anos Figueiredo apareceu pela primeira vez naquela região, com cabelos brancos, olhos cansados de quem ficara toda a vida sem dormir, ou como que passara os dias da sua vida no ventre de um cemitério comparado com uma fornalha para amolecer o ferro e transforma-lo em papas.

Na presença via-se um cocorico na sua testa, aqui os velhos traduziam como fosse um nhamussoro ou nhanga que vinha lutar contra os poderes nocturnos, invisíveis responsáveis pela morte do seu filho Figueira, o menino jamais visto naquela aldeia, mais comentando por indivíduos da segunda idade como dizem sobreviveu apenas 2 anos mais sabia escrever e ler, pelos vistos era um menino dado pelos espíritos, nas tradições velhos.

- Possíveis invenções estóricas trazem esses contos populares para o desprezo dos que não fazem filhos, sujeitando o sofrimento de outrem sem pensar nos prejuízos mentais que causamos quando assim acontece.

O lobolo seria uma LOA (Lei Orçamental Anual), para os pais de uma mulher, um homem pagar lobolo seria algo fertilizante naquela época primitiva dizia a Sunai, choramingando desgastada de tanto sofrer pela perca do seu filho primogénito, o Figueiredo tornou-se pródigo por muitos anos, sancionando-se por grande perca que teve na sua vida.

- Numa época muito míticas, as aventuras do passeio eram como uma fantasia numa festa de carnaval, entretanto cada pode por sua mascara mas o fim é o mesmo fantasia e surpreender as pessoas da sua aparência naquilo que dizem que existe no real, mais tudo acaba terminando, como uma proeza. Na época das revoluções industriais, o lobolo nas terras de Manharinga era bastante conhecido, onde a criança era considerada como uma trocha, encomendava-se antes de nascer, comungando a feminidade sem consideração.

Uma vez fui atrás de uma longa estória do passado dos meus pais, contudo ele começa a me contar como se casou a minha:

- Foi no tempo de inverno, tempo de muito peixe, de chuvas torrenciais onde começou o lance entre dois pombos perdidamente apaixonados um por outro pela primeira vez diz o meu pai todo sorridente, factual que naqueles tempos a traição era algo inexistente ou frequente como os tempos de hoje, assim afirmava todo a vontade sem tristeza nos seus olhinhos de dor desde as mentiras e as verdades da verdade que pulou dentro da vista dos dois amantes, inseguros por tradição africana.

A família afugentou o amor existente entre dois pombos, por causa desse tal lobolo num universo único com muitos planetas mais com poucos sobreviventes, dizia Sunai, em confissão do seu sofrimento passado em muitos tempos no escuro esperando e buscando a felicidade numa penumbra, a minha família arrancou-me a força de sobreviver na lua junto os anjos do bem.

Figueiredo, já havia-se mudado para uma zona residência chamada cemitério, onde se vivia sem problema e com a lei de ver, ouvir e calar quando outros pensavam que era um marinheiro numa empresa de pesca, conforme a sua actividade de sobrevivência. A cela sem cadeado, sem juiz mais sim, com forte aliança em coordenação com diabo e Jesus, dentre eles, um luta para o mal o outro luta pela justiça.

Um dia o senhor fará a justiça para aqueles que me separaram de um amor da minha vida concedido por Deus supremo, o digno, o puro o melhor que me fez ver a luz no dia em que vi o primeiro brilho do sol e a luz do planeta terra.

Foi tanto aquela dor, que magoou um velho homem com tanto amor que depositou naquela mulher cegada pela falta de cedência e compreensão dos seus pais, alegadamente o não pagamento de lobolo.

Diz-se que aqueles dois amantes morreram numa tragédia que nunca foi vista naquele povoado, o corpo dos dois ficou coberto de sarna, uma doença contagiosa e que surge pela falta de higiene básica.

A falta de honra por parte da família da mulher daquela senhora, criou uma situação trágica para aqueles jovens, insurgindo no meio de ideias idolatradas que as levaram a morte trágica. Frequência do abismo na vida dos dois melhores amores que já existiram naquele povoado apesar de não ser consumado aquele nobre casamento de dois pombos perdidamente apaixonados. Juntos, se diz as suas abas nunca serem vistas desde a morte, abas corridas naquela vila inabitada ou então deserta, sinceramente transformou-se em cemitério num fu extraordinário, aquele casal era considerado de fulustreco vivendo no ambiente fadigo, foi considerado aquele fiasco, alguns dizem que foi fabuloso ouvir desta história, quanto como a de acém figurante de uma historia existente em situações inadequadas.

Treta foi a família que soltou o seu veneno para cultivar ódio em duas pessoas que se amavam e sugaram o seu sangue sem os aproximar, mais um dia verão o mal, que para esses dois ligados na alma e fé trarão, oxalá que não haja um pai com essas ideias animálias mal condensáveis para uma família insolúvel mediante aquela situação inadequada pro sua intervenção.

Família com muito horror inegável e inimitável em nenhum momento aspirado em uma alma diaba, bem considerada como a diaba da destruição, a mesma que levou e domou a vida das duas pessoas bem unidas pela mesma causa insaciável.

Dizem que sempre usou a insaciável figa ingrata volvente a alma de querubins. Saudável morreu de perturbação amorosa na sua casa de vermes em que dizem andava a vagabundear como uma alma penada e irritada por tanto sofrer a partir daquele instante não tinha como soltar o seu pinico.

Gradualmente, tudo terminou invalidando a vida dos outros, o que a moral verbal nunca deu opção apolega e aplainado numa alcatra apodrecendo a sua alma. A Inocência sempre cabe nos nossos corações sem escolha mais sempre inalterável nas mentes maldosas o que existe nas incursões nas almas penadas num jardim de um demónio existente desde muitos anos séculos num apalaçado imaginário, o que custou vida sobre aquele fruto proibido e saboreado em muitos termos apalacetado aquela família apancava a sua filha como fosse um anjo, cingindo algo drástico por sua filha casar comigo, mais que pena, que família desorientada que ainda não reconhece o desenvolvimento das pessoas e, não sabe em que período secular se encontram, é injusto ter que conviver com pessoas insanas, uma família insaponificável1, onde um homem morre demente por amor porque não a liberaram a sua mulher?

Prefira ver morto que liberar a sua filha, precisava tanto sofrimento assim, isso merece cadeia ou uma prisão perpétua melhor seria para todo mundo com este tipo de consciência tão suja e indigna, só se gostam e não gostam dos outros. A vida daqueles dois amantes ou então casais foi um inferno e eles nunca se encontraram, mais as suas almas penam sempre assombrara os pais daquela moça.

Consciente, diz-se que todos acabaram por se enforcar (suicidando-se) fugindo da vergonha que tinham cometido pelo casal.

**A Selvagem Mulher e a Minha Ilusão**

Numa região ocidental, sol coberto pelas nuvens cinzentas diariamente, vivia alugueres duma cidade a dona Xinane, a mulher que tinha três filhos, um sobrinho e uma neta de 7 anos acobertada de xingamento aos seus genros e, infelizmente numa zona suburbana em condições não muito péssimas mais pelo carácter parece ser uma mulher que viveu numa cidade com cultura muito diferente das zonas do centro e norte, pela sua manifestação moral.

Um jovem humilde chamado Pesado, apaixonou-se por uma das suas filhas por sinal à do meio, de nome Sarita, aventureira e menos ponderadora com constância e cheia de mitos, vulgarmente diz-se que ele era o seu terceiro marido desde sua juventude mais o último marido era um guarda-nocturno, que o seu salário não chegava para nada, mais a sua família queria que o mesmo fosse um homem rico para pagar o lobolo como um dever de um marido do sul culturalmente não como ciência ou política do país.

Acidentalmente a sua esposa sempre caía doente nos finais do mês, como consequência não sabia nada do sucedido, numa visita de uma feiticeira ou uma bruxa, para saber o contorno daquele problema visível mensalmente nada adiantou.

Não devia julgar ninguém, visto que, ele não tinha conhecimento nem prova para acusar um inocente/culpado invisível, a sua saliva salgada e cheio de amor mais tudo caía sempre errado, julgou ser pecado que cometeu enquanto menor, até foi acusado doente e estéril, o que um dia isso levara até ao seu túmulo pela dor que aquela expressão lhe causou.

Sacrilégio foi quando lhe disseram, num dia de verão aquela verdade que ele achou sincera mas a doeu muito e, descarregou a sua minha raiva sem querer ofender a ninguém mas pro desabafar a mesma melancolia, tristeza e a mera verdade que brotou naquele jardim sem flores nem borboletas que representasse a ternura.

Dizem que ele falou o que sentia das ofensas proferidas por aquela senhora sem coração humano, dizem que a esposa nunca expôs na sua parte, sempre afugentou a presença daquele coitado naquela casa contando com outro homem realmente achado o melhor e que a própria esposa tinha como amante alheio e, que sempre adorou e vieram namorando desde muito e, que nunca deixou mesmo casada com aquele parasita nunca deixou de a procurá-lo sinceramente disse noutras palavras sempre foi traído pensando que ele não sabia nada daquele jogo de tirar fôlego.

Tinha Sapatos com sola furada, sandálias de modelo do passado, fusca fora do prazo a pele furunculose e vivia numa casa degradada, sem mesa, sem cadeira, com falta de alimentação proporcionar, mais o amor morava naquela casa humilde e pouco considerado naquele bairro comparativamente à um lago desvendando e transbordando para dentro da sua casa quando chovesse, a água consumia a borda da casa, àquilo que chamamos de rodapé.

Um jovem manso, claro, meigo, magro mofado de amor, alto e muito brincalhão em que a família daquela moça nunca deu oportunidades àquele jovem para se tornar feliz com a mulher que tanto a amava, mais prontificou em abandonar aquela dona a que sempre lhe desejou a felicidade pro toda vida.

A vida nunca deu dentro das oportunidades, mas ela sempre reserva-nos oportunidades para lutarmos e vencermos, os melhores momentos não se constroem com desistência, um homem não pode desistir das suas procuras, fugir é ser fraco.

Sádico fora as palavras que proferiram contra ele, pobrezinho não deu aquilo que a família da ex-esposa precisava, mais não foi em vão, como a gíria popular que diz: há o bem que vê por mal e o mal por bem. Crucificaram Jesus, pensando que queria arrancar os seus reinados, mesmo assim, fez muitas coisas para mostrar a verdade sobre a sua missão na terra, neste mundo a vida justa não se deseja mais a farsa.

Passado algumas semanas enquanto doente, a mãe deliberou em lhe tirar do seu e ir com ela na sua casa, onde viveria bem e livre, assim o tempo não demorou a mesma voltou a ter uma relação com um ex-namorado anteriormente dito, tanto quanto o marido ficou chocado pela atitude daquela infeliz mulher e dona de uma fazenda de filhos que nunca quis arrebatar para fora do mal as suas duas filhas, condenando-as a prostituição por apenas gostar de receber trocados alheios.

Anos e meses passaram, como sabem quem acusa em segredo será acusado no meio de todo mundo, dizem que ela acusou aquele coitado jovem de doente, estéril, improdutivo, acham que isso foi a pior coisa para aquele senhor acusado? Em circunstância das causas ela foi dita que tinha apanhado a doença do século, contudo deveria começar a ter o tratamento, o que lhe custou muita dor, sofrimento no seu dia-a-dia. Ainda a sua filha tão ingrata informava de tudo o que acontecia na sua casa, incluindo a sua sobrevivência a nervos frequentemente.

Pesado saiu a procura de um paradeiro onde viveria sem se lembrar daquele trauma odioso, ainda dizem, confessou a impertinência e a proibição injusta de se casar com aquela jovem inocente órfã de pai e ainda mãe de uma filha com o pai à deriva. Ainda comenta-se ser a sua atitude afugentando os seus genros vive do suor das suas filhas.

Que hipocrisia, de uma senhora sem coração e nem sentimentos, vive como fosse um animal latente mudando sempre de vida para cada estação do ano, mais o fim vem, dito por alguns o princípio gere o fim e o fim acontece por existência do princípio.

O jovem por falta de consideração que já viveu jurou não voltar a ver aquela mulher incluindo a sua filha, pedindo a Deus que justiça fosse feita para igualar as coisas.

A mesma estória lembra-lhe da história de Sansão e Dalila, em uma tribo era contra a outra e não se consideravam assim acabava tudo em contradição que sempre provocava desavença entre as duas nações ou tribo. As duas historias são tristes é por amor que um morre e outro sobrevive e, por ignorância que o ouro se alimenta de ódio sem ser abexigado, um lar que se abicham homens de todos raças e cores até tipos, mais é uma honra para aquela mulher ver aquilo em seu redor.

**O Soldado**

Num beco perto da antiga base do governo colonial vivem cidadãos inocentes e devassos. O soldado tem direito de levar muitas almas para o céu diz algumas gírias populares da guerra

**O Rato, o Pássaro e a Cobaia**

Era uma vez um rato, um pássaro e uma cobaia. Os três eram grandes amigos e moravam juntos em uma pequena casinha na floresta. Como qualquer pessoa que divida uma casa com alguém, cada um tinha uma tarefa para fazer naquela casinha de solteiros.

O pássaro devia sair e recolher madeira. O rato era o responsável por carregar água e acender o fogo, enquanto a cobaia cozinhava. Até aí, tudo bem, tudo óptimo, e a paz reinava no lar dessa estranha família feliz e de raízes familiares.

Num belo dia, porém, o pássaro encontrou com um amigo enquanto caminhava pela floresta à procura de lenha. O tal amigo começou a provocar o passarinho e a dizer que ele estava sendo bobo por fazer o serviço mais pesado, já que o rato e a cobaia ficavam em casa “sem fazer nada”. O passarinho caiu na provocação do estranho amigo e decidindo assim abandonar o seu trabalho por sentir-se usado por seus colegas do apartamento e que decidiu refazer a escala conforme a ideia do amiguinho desconhecido.

No entanto, no meio desta relação amigável e solidaria de famílias diferentes, sem saberem que um dia haveria um imprevisto naquela belíssima amizade por certos enganos e falta de compreensão de um dos amigos por pessoas de má que queriam destruir aquele relacionamento.

Porquanto, quando aparece o desconhecido e estranho amigo de passarinho do nada, quase aquela historia parecia a de Adão e Eva no Jardim de Éden, onde a cobra engana a Eva para comer a arvore proibida que estava no meio daquele jardim.

Conforme Genesis 1:1-24 “ora, a serpente mostrava ser o mais cauteloso de todos os animais selváticos do campo, que Jeová Deus havia feito. Assim, ela começou a dizer à mulher: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” “(…) E expulsou assim o homem, e colocou ao oriente do jardim Éden os querubins e a lamina chamejante duma espada que se revolvia continuamente para guardar o caminho para a arvore de vida”.

Sensato seria que as tarefas estivessem mantidas como estavam desde o principio em que cada um dos moradores daquela casa.

Portanto, quando voltou para casa, o pássaro disse ao rato e à cobaia que não iria mais trabalhar como escravo para eles que apesar de tudo e da família diferente que tinham disse:

- Se alguém quisesse madeira, que fossem buscar na floresta. O rato e a cobaia ficaram surpresos, mas acabaram concordando em trocar das suas funções para que mantivesse a sua amizade.

No dia seguinte a cobaia saiu para buscar lenha. O tempo passou e ela não voltava nunca. O pássaro saiu nervoso à procura da amiga quando encontrou um cachorro com uma cobaia em sua boca. O passarinho implorou para que o cão não comesse a cobaia, mas o cachorro não deu ouvidos à ave, alegando que a cobaia já estava morta e com muita fome.

O pássaro voltou para casa e descobriu que o rato não estava lá, e ele que nunca foi um grande especialista em cozinhar, acabou caindo dentro da panela onde preparava o almoço e morreu. Desesperado, o pássaro espalhou madeira por todos os cantos da casa, incendiou o local e, claro, morreu também. E todos viveram felizes para sempre. No céu.

**Os Três Cirurgiões do Exército**

Tudo começou quando três grandes médicos, muito vaidosos por sinal, se autonomearam os melhores do mundo. Os amigos começaram então a viajar na tentativa de ficarem cada vez mais conhecidos e aclamados. Depois de viajarem por bastante tempo, eles eventualmente fizeram uma parada em uma pousada para a planificação doutras missões de viagem.

O responsável pelo estabelecimento pediu para que os três provassem que eram os melhores médicos do mundo, caso contrário, eles não poderiam se hospedar em sua pousada. Espertos e com uma boa carta na manga, eles concordaram com o homem e resolveram mostrar os quão incríveis eram.

O primeiro cirurgião cortou a própria mão fora; o segundo, o seu coração; e o terceiro arrancou os próprios olhos. Segundo eles, tudo seria recolocado na manhã seguinte. O que o dono da pousada não sabia era que os cirurgiões tinham uma arma secreta: uma espécie de cola mágica que reconstituía as partes do corpo que estavam arrancadas.

 Mas eles não esperavam, mesmo, era que uma das funcionárias da pensão, que ficou responsável por cuidar dos olhos, da mão e do coração, acabaria se distraindo de sua função quando o namorado dela apareceu para dizer "oi", trocar uns beijinhos e tal e coisa. Nesse momento de distracção, a funcionária não percebeu que um gato esfomeado simplesmente devorou as partes dos corpos dos médicos.

Quando a moça descobriu o que tinha acontecido, entrou em pânico e seu namorado resolveu ajudá-la. O homem cortou a mão de um ladrão que ele havia recentemente prendido. Em seguida, arrancou o coração de um porco e os olhos de um gato. Pronto. Isso deveria servir.

No dia seguinte, os três cirurgiões magicamente reconstituíram seus corpos e foram embora. No meio do caminho, porém, o primeiro médico começou a roubar dinheiro de estranhos; o segundo começou a rolar na lama; e o terceiro não conseguia dormir à noite e começou a enxergar ratos correndo por todos os cantos.

Percebendo que havia, definitivamente, algo muito errado, os três voltaram para a pousada e exigiram receber de volta as partes originais de seus corpos. A essa altura, a funcionária havia fugido com seu namorado e ninguém mais sabia o paradeiro dos pedaços dos médicos. Como vingança, os cirurgiões exigiram todo o dinheiro do dono da pousada, como forma de recompensa pelo prejuízo. E todos viveram estranhos para sempre.

**O Herdeiro Encantado**

Esta história russa conta a saga de um comerciante que deixou suas três filhas em casa quando precisou fazer uma viagem de negócios. Ele prometeu a elas que traria presentes exóticos. As primeiras duas filhas pediram novos casacos, enquanto a filha mais nova fez um desenho de uma flor e entregou ao pai.

Em suas viagens, o homem comprou os casacos, mas não conseguia achar de forma alguma uma flor parecida com a que a filha havia desenhado. Até que, quando já estava perto de casa, ele avistou um castelo com muitas dessas flores em volta.

Empolgado, o homem foi colher uma flor, mas foi surpreendido por uma cobra monstruosa que apareceu diante dele. O comerciante implorou por piedade e só foi libertado depois de prometer que faria da filha mais nova a esposa da cobra.

Quando voltou para casa, a filha mais jovem foi a primeira a ver o pai e voluntariamente foi ao castelo com ele. Durante o dia, a construção estava totalmente vazia, mas a cobra aparecia ao final de todas as tardes. O primeiro pedido do animal foi o de que a cama da menina fosse colocada para fora de seu quarto, depois, ao lado de sua cama e, finalmente, ela deveria dormir ao lado do animal.

A cobra se apaixonou pela garota profundamente e, vendo que ela sentia falta de sua família, permitiu que ela fosse visitar seu pai e suas irmãs com a condição de que voltasse para casa ao final do dia. Quando a garota chegou em casa, suas irmãs sentiram inveja da felicidade da mais nova e a forçaram a ficar lá, fingindo choro com a ajuda de cebolas, que elas esfregavam em seus olhos. Quando retornou ao castelo, a garota encontrou não a cobra, mas um príncipe muito bonito, morto de tristeza. Fim.

**O Buraco mágico**

Era uma vez uma viúva e suas duas filhas. Das quais uma filha era biológica, feia e preguiçosa; a outra, sua enteada, linda e gentil. O que você acha que aconteceu com a menina “do bem”? Foi explorada pela madrasta, é claro. A pobrezinha costurava dia e noite até seus dedos sangrarem.

Um dia a enteada derrubou sua agulha em um poço. Nessa situação o que você faria? Pediria outra agulha à madrasta? Pegaria uma agulha escondida para não ouvir sermão? Pularia no poço? A mocinha da história escolheu a terceira opção e, depois da queda, acordou em um lugar bonito e ensolarado.

Andando pela terra nova e desconhecida, nossa mistura de Cinderela com Alice encontrou um forno cheio de pães assados. Ela viu que os alimentos precisavam ser retirados logo, caso contrário, ficariam queimados – e assim o fez. Ao lado do forno havia uma árvore de maçã, com frutos suculentos.

Perto dali, a garota encontrou a casa da Mãe Buraco, uma senhora de idade que pediu para que ela fizesse faxina. A garota fez tudo o que a senhora a pedia e, conforme cumpria cada tarefa, era coberta de ouro e, quando já tinha ouro o suficiente, voltou ao mundo real.

A madrasta, encantada com o que havia acontecido com a jovem, jogou a filha biológica no poço com a esperança de que ela também voltaria coberta de ouro. Chegando à terra misteriosa a menina se deparou com o forno e com a árvore de maçãs. Chegou à casa da senhora e se recusou a prestar qualquer tipo de ajuda.

Ela foi convidada a se retirar e, decepcionada com a preguiça da garota, Mãe Buraco a cobriu com um material superquente e grudante, que ficou preso ao corpo da menina por toda a sua vida.

**A Caveira Cantante**

Tudo começou com a presença de um gigante javali que provocava o terror em um pobre bairro, destruindo construções e afastando visitantes e moradores. Desesperado, o rei ofereceu sua única filha como recompensa a quem conseguisse matar o monstro e que iria casar com ela.

Seguidamente, dois irmãos voluntariaram-se a fazer o serviço; o mais novo não tinha orgulho e ao outro faltava gentileza, para aumentar as chances de capturar o animal, os dois se dividiram na floresta e seguiram caminhos contrários. No meio da busca, o irmão mais jovem encontrou um Anão, que sentiu que ele tinha um bom coração e resolveu presenteá-lo com uma lança mágica, para que ele pudesse achar e matar o javali animal feroz.

Pela sensatez do jovem, passou uma semana naquela gruta e foi servido tudo como um rei desaparecido e que teria aparecido apos uma busca imbatível de muitas guerrilhas infinitas e de nações conhecidas e por ódio teria sido sequestrado.

Fim daquele belo divertimento o jovem saiu a caça, finalmente acabou encontrando o animal procurado, o arrasador das vidas inocentes e, com a ajuda de sua arma foi contra a fera esperando que ganharia o amor e o carinho daquela jovem e da família mais sucedida do reino e que dividiu o coração da besta em duas partes. Voltando ao castelo e carregando o corpo da besta, o garoto encontrou seu irmão bebendo em uma taverna. O irmão mais velho, ao perceber que o mais novo havia vencido o desafio, ofereceu a ele uma taça de vinho para celebrar.

Assim que o irmão mais novo ficou bêbado, o mais velho o matou e o enterrou abaixo de uma ponte. Em seguida, levou o javali junto do instrumento que teria ajudado a matar o animal ao rei e exigiu a princesa em troca. Ele afirmou a todos que o irmão havia sido cortado em pedacinhos pela besta.

O assassino e sua esposa viveram felizes por muito tempo até que um pastor encontrou uma caveira em baixo de uma ponte e resolveu usar uma parte do material para incrementar um berrante que ele estava fazendo. Logicamente, os ossos eram do irmão mais novo do agora príncipe do reino.

Quando o pastor soprou o berrante, uma música sombria a respeito de assassinato começou a ser ouvida. Assustado, o homem levou seu instrumento de extermínio ao rei, que foi até a ponte e desenterrou os ossos do irmão traído.

Para fazer a justiça, o príncipe foi obrigado a dizer onde havia trazido a lança mágica que ajudou a matar a fera. Francamente o príncipe ficou apavorado sobre a notícia e por que motivo chegaria até este ponto se já havia conseguido livrar-se da fera que tanto amedrontou o seu reino?

Um mês de busca, nunca conseguiu achar a gruta por onde o irmão teria apanhado o instrumento mágico que seria o único instrumento destrutor da fera, finalmente, encontrou a gruta e estava escura meteu-se sem pedir licença e nem autorização para a sua entrada naquele local.

Pelo enorme erro cometido pelo príncipe, a gruta fechou-se por dois dias, e 48horas depois ela abriu-se e ali estava sentado muito arrependido pelo facto de ter traído o irmão mais novo por ambição de poder.

Sádico, não mostrou arrependimento do que teria feito contra o seu irmão mais novo e adiantou-se em ir chamar os anciãos do reino para provar a inocência dele no caso lhe pesava a consciência do acto macabro, foram juntos à gruta para confirmação, portanto, a gruta estava fechada e nada via-se.

Foi levado de novo ao palácio com guardas palacianos para ser julgado e como punição, o príncipe foi amarrado em um saco plástico e jogado ao alto mar para morrer afogado e que não haja mais algo igual a acontecer pelas próximas vezes naquele reino.

A partir daquela época, foi construída uma praça com a estátua do irmão mais novo e que a partir dali foi declarado feriado a partir do dia 25 de Junho de 1034.

**Um amigo comparado com um escorpião**

**A Justiça Cega**

**A Assembleia do Diabo**

São oito horas da manhã, chegam viaturas de mera aparição estrangeira de marcas que nunca foram usadas em África, relata-se pela rádio, televisão a convocação de mais uma Sessão Extraordinária da Assembleia Geral do Diabo, volvidos horas depois houve-se salvas de palmas e alguns contestam sobretudo na aprovação de mais uma Lei dos Querubins, afirmam alguns anjos seguidores do querubim na desaprovação da lei e, por outro lado estão os apóstolos do anjo Gabriel na aprovação da lei.

O presidente da assembleia toma a palavra duma forma confortável e lê o veredicto final e para posterior martelar a sua madeira bem polida e brilhante aceitando a aprovação da lei pela equipa majoritária presente naquela casa de bandos insanos e corruptos, que fazem leis a seu favor para pilhagem do próprio povo, só entende-se pela descrição e não a verdade do que se trata. Os responsáveis pelas leis nunca fazem inspecção do cumprimento dos seus objectivos construídos por bem do seu interesse pessoal.

Os querubins manifestam a falta de sensibilidade pela bancada do Gabriel e dizem:

* Que falta de senso?
* A saliva dos mentirosos parece salgada.
* Quem pode monitorar as nossas ambições de governação nas regiões onde ganhamos?
* Vamos manipular o nosso chefe, para queimarmos a terra e tornarmos o inferno como sempre quisemos e vivemos quando o fundador do universo estava vivo.

**O Hospital do Diabo**

Em que hospital os maus vai enfrentar a sua enfermidade?

**Anoite, o Segredo da Maldição e das Práticas Ilícitas**